

LETRAMENTO DIGITAL: considerações iniciais sobre a adoção de instrumentos tecnológicos voltados a leitura

DIGITAL LITERACY: initial considerations about the adoption of technological instruments for reading

ALFABETISMO DIGITAL: consideraciones iniciales sobre la adopción de herramientas tecnológicas dirigidas a la lectura

Adriane Ramires (UCPel/IFSul)

Fabiane Villela Marroni (UCPel)

Gabriela Bohlmann Duarte (UCPel)

Vinícius Oliveira de Oliveira (UCPel)¹

RESUMO: Um dos primeiros objetos de estudo que a Linguística Aplicada se ocupou a investigar foi a leitura, e isso se deve não somente pela sua relevância para o ensino formal, mas também pelas diversas instigações advindas da amplitude desse fenômeno. Mediante ao significativo impacto que as tecnologias tiveram no contexto educacional, a leitura acabou tornando-se uma prática hipertextual, devido à possibilidade de ser desenvolvida em um meio digital. A partir dessas características introdutórias, o presente artigo apresenta algumas considerações fundamentadas nos estudos sobre letramento digital, os quais focam a leitura digital. Como conclusões parciais, faz-se necessário destacar a tamanha relevância que esses recursos digitais oferecem aos leitores que conseguem desenvolver uma adaptação prática ao novo instrumento digital.

Palavras-chave: Letramento digital. Prática hipertextual. Leitura digital.

ABSTRACT: One of the oldest study objects in the field of Applied Linguistics' interests was the investigation in the reading process, not just because of its relevance for regular learning context, but also for many instigations based on the amplitude of this phenomenon. By the aid of the big impact that technology has had in the educational context, reading process has changed itself in a hypertext practice, due to the possibility to be done in a digital environment. After mentioning these introductory assumptions, this paper presents some considerations grounded in some studies of the digital literacy, about what digital reading is.

¹ E-mail: viniciusdeoliveira91@gmail.com

As partial conclusions, it is necessary to highlight the strong relevance that these digital resources offer to readers who can develop a practical adaptation to the new digital instrument.

Keywords: Digital Literacy, Hypertext practice, Digital Reading.

RESUMEN: Uno de los primeros objetos de estudios que la Lingüística Aplicada se ocupó de investigar fue la lectura y eso se debe no solamente por su relevancia para la enseñanza formal, pero por las diversas instigaciones provenientes de la amplitud de ese fenómeno. Frente al significativo impacto que las tecnologías tuvieron en el contexto educacional, la lectura se ha tornado una práctica hipertextual, debido a la posibilidad de ser desarrollada en un medio digital. A partir de esas características introductorias, el presente artículo presenta algunas consideraciones fundamentales en los estudios sobre alfabetismo digital, los cuales se centran en la lectura digital. Como conclusiones parciales, se hizo necesario realzar la gran relevancia que esos recursos digitales ofrecen a los lectores que consiguen desarrollar una adaptación práctica a la nueva herramienta digital.

Palabras claves: Alfabetismo Digital; Práctica Hipertextual; Lectura Digital.

INTRODUÇÃO

Diante da significativa eclosão de textos online disponíveis para a leitura, na atualidade, internautas vêm aderindo cada vez mais a essa prática, a ponto de reconhecermos alguns indícios de que o livro tradicional pode estar com seus dias contados. A facilidade para obtenção da leitura desejada a qualquer hora e lugar é apenas um dos fatores que justificam essa nova prática, visto que algumas questões, como por exemplo: o alto custo do livro tradicional imposto pelas editoras e a oportunidade de recursos que tornam a leitura mais dinâmica, justificam a frequência dessa prática no nosso cotidiano.

Logo, tendo exposto algumas das características positivas da leitura digital, faz-se necessário questionar um ponto recorrente dessa atividade: estamos ou não exercendo corretamente a referida prática? Em outras palavras, aproximando esses termos ao contexto de pesquisa em Linguística Aplicada: somos ou não competentes em relação ao uso de um instrumento digital para a leitura?

O presente artigo, a partir de definições ligadas ao letramento digital, busca, além de investigar como que esse exercício se configura para aqueles que se denominam leitores digitais, discutir a própria adoção do instrumento tecnológico voltado à leitura.

História da leitura

Dentre os fenômenos de interesse da Linguística Aplicada, um dos mais antigos de que se tem registro é o processo da leitura. Tal fenômeno, por caracterizar-se com uma relação muito próxima à escrita, pode ser considerado como algo originado muitos séculos atrás, pois quem escrevia, fazia isso justamente pela certeza de estar inserido em um processo comunicativo maior com outro(s) sujeito(s) que, evidentemente, leriam suas mensagens.

Entretanto, deve-se pontuar que a leitura, em termos de popularização, consolidou-se como uma prática difundida para uma massa a partir do século XV, com a criação da imprensa. Essa criação permitiu o acesso à informação por parte de um número maior de pessoas, mesmo que em um ritmo lento inicialmente, visto que isso era um privilégio de camadas específicas da sociedade, as quais se destacavam em termos de poder aquisitivo.

Com a produção, em larga escala, dos mais variados tipos de livros, como livros literários, acadêmicos, religiosos, etc., o mercado editorial fundamentou-se como uma grande potência econômica nos últimos dois séculos. Essa difusão, por sua vez, despertou o interesse de estudiosos da área da linguagem em relação a como que a leitura configurava-se enquanto processo, tanto em termos relacionados aos aspectos cognitivos que rodeavam essa prática, quanto aos instrucionais.

Leffa e Lopes (1994) vêem a leitura sobre dois pontos: o processo de decodificação e a construção de significados. Esses dois pontos podem ser considerados os principais aspectos, pelos quais as pesquisas em Linguística Aplicada se apoiaram na investigação desse fenômeno, tendo como foco as interações entre sujeito e texto.

Nos últimos anos, uma nova oportunidade de prática de leitura vem se formalizando como algo recorrente no cotidiano das pessoas: a leitura digital. Devido à facilidade na obtenção de livros online, nos formatos "PDF" (sigla de *Portable Document Format*, em inglês) e "EPub" (*Electronic Publication*, em inglês), o número de leitores digitais vem crescendo de maneira muito significativa.

Ainda que essa nova prática digital possa configurar-se como algo muito presente no nosso cotidiano, faz-se necessário o destaque, segundo Chartier (2001, ONLINE), dos pontos que norteiam a leitura digital: uma adaptação, do ponto de vista técnico, às ferramentas que permitem a leitura digital, e a definição do que são os instrumentos necessários à essa prática.

Quanto ao primeiro ponto, deve-se levar em conta que é refletido tanto no ponto de vista técnico, devido ao fato de o leitor estar envolvido em um contexto diferente, se pensada a prática de leitura em livros impressos, como no âmbito da cognição do leitor, pois a atenção e a codificação na leitura digital variam para cada indivíduo.

Quanto ao segundo ponto, deve-se levar em conta, primeiramente, que qualquer forma de mediação da leitura pode ser caracterizada como um instrumento, pois é a partir das interações entre sujeito e texto que o processo da leitura se fundamenta. Dentre os possíveis instrumentos tecnológicos que permitem a leitura digital, pode-se elencar os *e-readers* (Kobo e Kindle), os *tablets*, o próprio computador e, até mesmo, os *smartphones*, os quais podem ser um exemplo significativo para elucidar tamanha amplitude das possibilidades que uma leitura digital tem de ser acessada e praticada.

As dificuldades que envolvem a leitura, enquanto processo cognitivo, configuram-se como um outro objeto de pesquisa que vem sendo agregado aos interesses de linguistas aplicados, devido à necessidade de entender os porquês do (in)sucesso da prática de leitura por parte do aprendiz.

Bresson (1996. p.26) aponta que:

Acreditou-se frequentemente que as dificuldades da escrita e da leitura deviam ser procuradas nas formas do grafismo e sua organização sequencial de direção. Orton, nos anos quarenta, atribuiu as dificuldades patológicas encontradas na aprendizagem da leitura (dislexias) a dificuldades na organização do espaço, dificuldades que então acreditava-se mais frequentes nos canhotos que nos destros e que tornaram mais difícil o tratamento das sequências de caracteres orientados.

Tendo exposto um breve panorama da história da leitura, os principais interesses de pesquisa originados dessa prática, passando pela criação da imprensa no século XV e pela enorme expansão editorial de livros impressos decorrente dos livros digitais, discutiremos, a seguir, algumas questões que permitem justificar a adoção de tecnologias no contexto formal de ensino.

Justificativa da adoção de tecnologias em práticas pedagógicas

Praticamente não existem mais dúvidas quanto às potencialidades das tecnologias para o contexto educacional. Esse entendimento é sublinhado pela criação da Web 2.0¹, a qual proporciona várias formas de produção e sistematização do conhecimento, através dessas ferramentas que fazem do sujeito um agente de sua aprendizagem.

Essa ferramenta possui vários instrumentos que permitem apontar a tecnologia como um diferencial para as práticas educativas. Contudo, também se faz necessário afirmar que o próprio desenvolvimento da tecnologia proporciona o aumento de recursos como *softwares*, *blogs*, páginas, etc. os quais podem ser usados em sala de aula. Em outras palavras, essa evolução torna possível que novas formas de aprendizagem, através das tecnologias, sejam criadas para atuarem como auxiliadoras no processo de aprendizagem.

Todas essas potencialidades das tecnologias não são vistas somente pelo contexto acadêmico ou escolar, mas também, de certo modo, pelos órgãos públicos que são responsáveis pela administração dos recursos que vão para a escola. O contexto político vem apoiando a inserção de tecnologias nas escolas, por parte das instituições de ensino e dos professores, através da distribuição de computadores (convencionais e *notebooks*), *tablets*, televisões digitais, etc.

Web 2.0 é um termo usado para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a Web e através de aplicativos baseados em redes sociais e tecnologia da informação. Web 2.0 foi criada em 2004 pela empresa americana O'Reilly Media.

(2004), os dados já se apresentavam da seguinte forma:

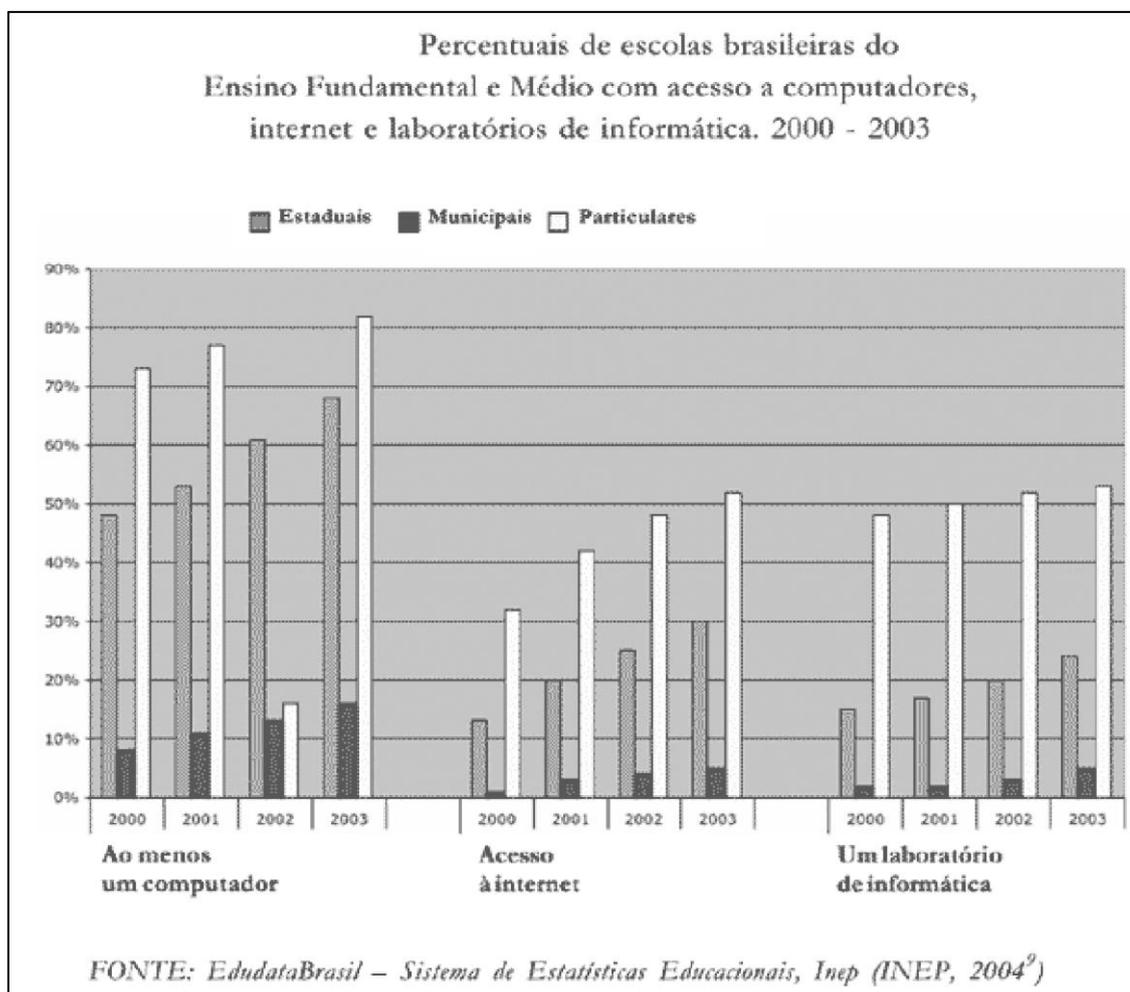


Figura 1: gráfico com o percentual de escolas brasileiras dos ensinos fundamental e médio com acesso a computadores, internet e laboratório de informática, no período de 2000 a 2003. Essa realidade não é algo tão recente. No seguinte levantamento feito pelo Inep²

Em uma pesquisa mais recente, Lopes, Correa, Martinazzo, et. al. (2012, ONLINE) mostram que há um significativo aumento de escolas públicas (municipais e/ou estaduais) com computadores disponíveis para o uso, evidenciando que, em termos de infraestrutura, a tecnologia está se espalhando de maneira cada vez mais considerável pela rede pública de ensino. Tais dados encontram-se no gráfico abaixo

¹ E-mail: viniciusdeoliveira91@gmail.com

² Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

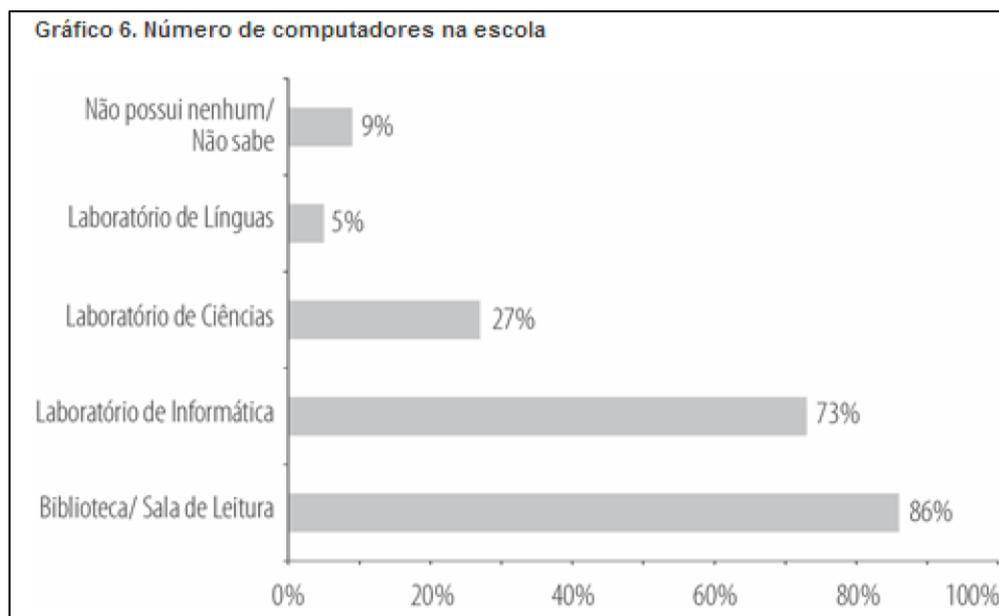


Figura 2: Gráfico com o número de computadores em escolas públicas estaduais e/ou municipais, publicado em 2012.

Diante das várias tecnologias passíveis de serem usadas para a educação, que foram disponibilizadas pelo governo, deve-se destacar negativamente o fato de que a falta de preparação da escola e dos professores para esse tipo de prática pedagógica acaba sendo determinante para que elas não sejam utilizadas nas práticas pedagógicas, em termos de educação básica.

Quanto aos alunos, outro fator relevante no que diz respeito à adoção de tecnologias às práticas de ensino e aprendizagem é a geração atual de alunos da educação básica estar imersa em um mundo digital. Logo, é possível considerá-los nativos digitais, seguindo o que Prensky (2010) aponta:

em virtude de terem nascido na era digital, os nossos alunos são nativos digitais, por definição, mas isso não quer dizer que, em algum momento, a eles tudo foi ensinado (ou nada, em alguns casos) acerca de computadores ou de outras tecnologias, ou que todos eles aprenderam sozinhos. (p.64)³

Essas características dos nativos digitais acabam indo ao encontro do perfil dos alunos das escolas brasileiras, independentemente das classes sociais a que pertencem. A fusão entre sujeito e tecnologia, a qual ocorre cotidianamente, acaba sendo um

| -Tradução, feita pelos autores, de: “by virtue of being born in the digital age, our students are digital natives by definition, but that doesn’t mean that they were ever taught everything (or anything, in some cases) about computers or other technologies, or that all of them learned on their own.” (PRENSKY, 2010, p. 64). (FALTA NÚMERO DA CITAÇÃO)

reflexo do tamanho prestígio que as ferramentas digitais que tem, pelo fato de propiciarem um número muito significativo de facilidades aos usuários.

No próximo ponto a ser discutido, tendo em vista o objetivo de moldar o presente estudo para questões voltadas a tecnologias e educação linguística (letramento), discutiremos as definições de letramento e de letramento digital, consideradas importantes devido à necessidade do domínio, tanto por professores quanto pelos alunos, dos instrumentos mediadores da leitura digital.

Letramento Digital

Soares (2002) afirma que há uma imprecisão quanto à definição de letramento, ocasionada pelas diferentes ênfases na caracterização desse fenômeno, ainda que com o foco voltado para as práticas sociais de leitura e de escrita. A autora apresenta a concepção de letramento como

o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento. (p.146)

Nesse sentido, Soares (2002) afirma que letramento é mais do que “as próprias *práticas* de leitura e escrita, e/ou *os eventos* relacionados com o uso e função dessas práticas, ou ainda o *impacto* ou as *conseqüências* da escrita sobre a sociedade” (p.146). A autora aponta que o processo de interação em que as práticas de leitura e de escrita acontecem pode ser definido como um evento de letramento. Deste modo, os indivíduos portadores de qualquer escrita fazem parte tanto da interação entre os sujeitos participantes quanto dos processos de interpretação decorrentes (SOARES, 2002, p.146).

Soares (2002) destaca que a definição apresentada acrescenta a outras o fato de que os sujeitos que dominam a prática de leitura e escrita e que, conseqüentemente, participam ativamente de situações em que tanto a leitura quanto a escrita são essenciais, “mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas

e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado *estado* ou *condição* de inserção em uma sociedade letrada” (p. 147)

A autora apresenta, assim, uma definição etimológica para letramento, explicando que essa palavra indica um estado pelo uso do sufixo *mento*, adicionado ao verbo *letrar* que, embora ainda não esteja dicionarizado, indicaria a ação de desenvolver as práticas sociais de leitura e de escrita. Contudo, Soares (2002) aponta a necessidade de verificar o estado ou a condição estabelecida pelas novas modalidades de práticas sociais instituídas pela *cibercultura*, ou seja, pelas tecnologias da informação e da comunicação.

Soares (2002) pontua, ainda, que o espaço da escrita condiciona as relações entre texto e leitor e, logo, há diferenças em tais relações se o espaço mudar. A leitura de um hipertexto é, nesse sentido, necessariamente diferente da leitura de um texto impresso em papel. A autora afirma que:

A dimensão do texto no papel é materialmente definida: identifica-se claramente seu começo e seu fim, as páginas são numeradas, o que lhes atribui uma determinada posição numa ordem consecutiva – a página é uma unidade estrutural; o hipertexto, ao contrário, tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe, com um clique, a primeira tela, termina quando o leitor fecha, com um clique, uma tela, ao dar-se por satisfeito ou considerar-se suficientemente informado – enquanto a página é uma unidade estrutural, a tela é uma unidade temporal. (p.151)

Nesse sentido, Soares (2002) destaca que a leitura em tela traz não só novas formas de ler, mas também novos processos cognitivos, gerando uma nova forma de letramento, conhecida como letramento digital. A autora acredita que esse fato sugere a pluralização da palavra letramento, promovendo o reconhecimento de que “diferentes tecnologias de escrita criam diferentes *letramentos*” (SOARES, 2002, p. 155). Com isso, a autora destaca a característica plural e histórica dos letramentos, os quais devem ser compreendidos e situados nos contextos em que ocorrem.

Indo ao encontro do que foi apresentado, Xavier (2005) também aborda questões relacionadas ao letramento e, especificamente, ao letramento digital. Para o autor:

Ser *letrado digital* pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 2)

Percebe-se, assim, que Xavier (2005) também acredita na mudança nas formas de ler e de escrever hipertextos quando comparados aos textos impressos. O autor destaca que, dependendo de vários aspectos relacionados às práticas sociais, alguns dos usos e das funções de um tipo de letramento podem passar a ter um papel mais destacado na sociedade e na própria sobrevivência dos seus usuários dentro dessa sociedade. Xavier (2005) aponta que

essas práticas sociais “se revelam nas interações humanas que, pela elaboração, formatam textos (falados e escritos) em gêneros discursivos, a fim de executar certas ações no mundo geralmente em consonância com as da rede de relação coletiva com outros indivíduos.” (p.5).

Xavier (2005), assim como Soares (2002), acredita que a forma de ler hipertextos ou textos digitais difere da leitura de um texto impresso. O autor afirma que

“o usuário de hipertexto tende a processar com mais velocidade a leitura e a desenvolver o pensamento ‘criativo’, aperfeiçoando a capacidade de análise e cruzamento de informações.” (XAVIER, 2005, p.7).

Por fim, o autor ressalta que “o uso de qualquer tipo de letramento em uma sociedade nunca é igualmente universal, pois ele está sempre relacionado às condições de desigualdades socioeconômicas e históricas” (XAVIER, 2005, p.7). Logo, o domínio dos recursos não ocorre de forma paralela, havendo setores que têm mais acesso às diferentes formas de letramento devido às práticas sociais de que participam, ou das quais são propiciadas a sua participação.

Há, assim, uma preocupação social importante, destacada por Xavier (2005), com relação a este aspecto. A escola deveria ser o local responsável pela apresentação e circulação das diversas práticas sociais e dos usos de letramentos exigidos em cada uma delas.

É importante ressaltar que tanto Xavier (2005) quanto Soares (2002) partem da concepção de hipertexto como o texto típico de um ambiente digital. Tal visão é apresentada por Marcuschi (2001), o qual acredita que tal tipo de texto afeta a forma como os leitores realizam a leitura devido à sua configuração não-linear. De acordo com Marcuschi (2001), a leitura de um hipertexto

põe uma série de questões muito interessantes às quais me dedicarei mais adiante quando trato do que chamo de *stresscognitivo*, isto é, a carga ou pressão cognitiva que o hipertexto põe a mais para o seu leitor em relação ao leitor de um texto impresso e linear. Isto conduz a uma nova visão das teorias de produção e compreensão textual e, particularmente, ao desenvolvimento de novas investigações para maior cautela no uso generalizado do hipertexto como forma textual mais adequada para o ensino. (p.7)

Nesse sentido, o processo cognitivo de leitura torna-se diferente e, para o autor, o ensino escolar deve considerar tal fato, bem como trazê-lo para a sala de aula. Para discutir tais aspectos, Marcuschi (2001) retoma o fato de que o hipertexto se caracteriza

“como um processo de escritura/ leitura eletrônica multilinearizado, multiseqüencial e indeterminado, realizado em um *novo espaço de escrita*” (p.8). O autor pontua também que a leitura do hipertexto demanda mais do aluno, pois o leitor deve fazer escolhas à medida que a

leitura progride, traçando, assim, um caminho de leitura. Com relação às características do hipertexto, Marcuschi (2001) aponta que embora seja um texto não-linear, ele não pode ser definido como uma sequência de qualquer coisa. Para o autor, enquanto texto ou espaço de escrita, o hipertexto

não é novo na concepção, pois sempre existiu como idéia na tradição ocidental; a novidade está na tecnologia que permite uma nova forma de textualidade. O hipertexto, aliado às vantagens da hipermídia, consegue integrar notas, citações, bibliografias, referências, imagens, fotos e outros elementos encontrados na obra impressa, de modo eficaz e sem a sensação de que sejam notas, citações etc. Em suma, subverte os movimentos e redefine as funções dos constituintes textuais clássicos. (MARCUSCHI, 2001, p.16)

Marcuschi (2001) propõe uma análise detalhada das características de hipertextos, comparando aos textos tradicionais, lineares, e a textos que têm elementos diversos, como notas de rodapé, indicação de outras páginas etc., os quais também caracterizariam uma leitura não-linear. O autor ratifica o fato de que, apesar de não linear, o hipertexto não é aleatório, havendo, assim, uma lógica na colocação de links que retomem ou apresentem os aspectos tratados. A hipertextualidade é uma característica que influencia tanto a leitura quanto a escrita, a qual tende a ser mais fragmentada.

Nesse sentido, a preocupação social importante, destacada por Xavier (2005) com relação a este aspecto, vai ao encontro do que foi apresentado por Marcuschi (2001). A escola deveria ser o local responsável pela apresentação e circulação das diversas práticas sociais e dos usos de letramentos exigidos em cada uma delas, tratando das novas formas de leitura e de escrita. Tais formas têm aspectos sociais e cognitivos próprios, que devem ser desenvolvidos pelos professores. As formas de leitura têm uma influência nas formas de escrita e ambas refletem posicionamentos sociais e culturais específicos.

Reflexão sobre leitura digital ou impressa

Hoje se questiona muito sobre a leitura digital e a leitura impressa, existem trabalhos nesse sentido. As características, de uma ou da outra, já começam pelo tipo de letra utilizada: no meio digital, usa-se letra não serifada³ e, no meio impresso, utiliza-se a letra serifada. A

¹ E-mail: viniciusdeoliveira91@gmail.com

³ Serifa é a haste perpendicular que termina os principais traços de algumas letras. Exemplo de fonte sem serifa: Arial, com serifa: Times New Roman.

serifa facilita a leitura de textos impressos, pois ajuda a aglutinar as letras em palavras. No meio digital, a serifa torna-se um elemento a mais para dificultar o reconhecimento de cada letra e, conseqüente, sua legibilidade.

A reflexão geralmente acontece, segundo Pereira (2014), ao compararem-se os pontos positivos e negativos da leitura digital em relação à leitura impressa. Podemos, então, elencar alguns pontos interessantes da leitura digital como, o fato de a leitura nos dispositivos móveis aproximar as pessoas dessa prática. Um relatório da UNESCO juntamente com a *Nokia* e a *ONG Worldreader*, chamado “Lendo na Era do Celular”, em pesquisa realizada, chegaram à seguinte constatação: “os dispositivos móveis podem ajudar as pessoas a desenvolver, manter e melhorar as suas competências de alfabetização”, (PORVIR, 2014).

Na leitura online, temos uma facilidade na busca de informações, as quais são sempre atualizadas, enquanto que, em uma biblioteca, levaríamos muito tempo para realizar este trabalho e as informações podem não ser tão atualizadas. Podemos armazenar os livros em nossos celulares e andar com eles no bolso, mas ao mesmo tempo, na leitura digital, dependemos sempre de dispositivos eletrônicos e nem todas as pessoas têm acesso a eles. Além disso, torna-se difícil uma leitura mais densa em um dispositivo eletrônico devido ao cansaço ocular da tela, que emite luz aos nossos olhos. A leitura digital também tem como vantagem

a inserção dos recursos audiovisuais, como as imagens em movimento e os sons, que podem ampliar a construção dos sentidos do texto pelo leitor. Quanto mais recursos materiais o texto dispõe, mais chances dará ao leitor de acionar as diversas janelas cognitivas para a melhor compreensão do texto, Araujo (2013).

Já com o texto impresso, a leitura é mais confortável porque o papel absorve e reflete a luz, mas não a emite. O excesso de raios luminosos dificulta a visão, prejudica a concentração, aumenta a fadiga e gera mal estar. Por isso, qualquer objeto que emita luz e para o qual tenhamos de olhar continuamente nos é hostil (NIEMEYER, 2010). Talvez seja este um dos motivos pelos quais quando a leitura é muito longa, alguns leitores imprimem o que vão ler, já que se desconcentram e ficam com os olhos cansados.

O programador do *Baixaki*⁴, Douglas André, destaca como vantagem do livro impresso o fato de que “o livro de papel pode ser acessado a qualquer momento, em qualquer lugar, sem se preocupar com bateria”(CAMARGO, 2010).

¹ E-mail: viniciusdeoliveira91@gmail.com

⁴ Baixaki é um site de downloads mantido pelo Grupo NZN. O site Baixaki está disponível em: <<http://www.baixaki.com.br/>>

Portanto, tanto a leitura impressa como a leitura online tem seus pontos positivos e negativos, e cabe ao leitor sabê-los e usufruir de cada uma como desejar. Mas devemos refletir que, com a leitura online, estamos transformando nossa maneira de ler, Araujo, (2013). Em pesquisa realizada em 2010, com alunos do curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Uberlândia, ao analisar as práticas de leituras digitais e suas implicações no comportamento do leitor, os resultados demonstraram que a leitura digital exige novas técnicas de leitura, fazendo com que o leitor precise administrar melhor e saber selecionar os diversos textos que chegam até ele, bem como saber manusear os aparatos tecnológicos e a linguagem utilizada no meio eletrônico, funções com as quais ele não precisaria se preocupar na leitura impressa. A pesquisa também constatou que o contato físico do leitor com o texto impresso ainda está muito presente, e que é uma questão cultural. Assim, a adaptação não será tão fácil, pois, de acordo com Moraes (2012), trata-se de um processo que levará um tempo.

Considerações Finais

A partir do objetivo de ter incitado o leitor desse artigo a refletir sobre diversas particularidades relacionadas ao letramento digital, como considerações finais, postularemos alguns argumentos sobre essa prática, no que diz respeito as suas vantagens e limitações.

No que diz respeito às vastas contribuições que um instrumento digital pode oferecer à leitura, parte-se do pensamento de que ele já faz parte do cotidiano de uma camada social muito vasta, não só pelas facilidades que elas proporcionam aos mais diversos fins, mas também pelo caráter lúdico voltado ao entretenimento do usuário. Com relação às limitações, podemos destacar que a adaptação a essa nova ferramenta não é algo imediato, assim como a obtenção de um instrumento digital com grande potencial é algo restrito a certas classes sociais, gerando um certo desafio para sua implementação, caso não ocorra com o auxílio da escola.

Por fim, a necessidade de repensar o papel da internet e dos recursos digitais, no que tange as mais diversas práticas de leitura, é algo que passa por uma formação docente mais adequada, tendo em vista o seu papel de tamanha relevância para a formação linguística, educacional e cidadã de cada sujeito.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, M. No papel ou no tablet? As transformações no modo de ler.Entrevista na página Web da PUC do Rio. Publicado em 11/09/2013.Entrevista concedida à NOVELLO, I. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Jornal/Pais/Nopapel-ou-no-tablet%3F-As-transformacoes-no-modo-de-ler-22894.html>> Acesso em 23 maio 2014.

CAMARGO,C. Livro digital ou de papel?Publicado em: 24/03/2010. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/ces-2010/3934-livro-digital-ou-de-papel-.htm>> Acesso em: 12 maio 2014.

CHARTIER, R. Mídia eletrônica: uma nova forma de ler, escrever e se comunicar, segundo Roger Chartier. Eliane Bardanachvili entrevista Roger Chartier no programa

Educação e Trabalho, exibido em 2001. Disponível em:

http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_entrevista_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=4&label=&v_nome_area=Entrevistas&v_id_conteudo=51218. Acesso em: 29 maio 2014.

LEFFA, V. J.; LOPES, R. C. C.. Evolução do conceito de leitura em alunos da 2a à 8a série.

Anais. IX Encontro Nacional da ANPOLL. Caxambu, MG, 12 a 16 de junho de

1994, p. 113-115. Disponível em:

<<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/evolucao.pdf>>Acesso em: 8 de jul. 2014.

LOPES, R. CORREA, A. MARTINAZZO, A. ET AL. O uso do computador e da internet na escola pública. 2012<disponível em: <http://www.fvc.org.br/estudos-pesquisas/avulsas/estudos1-7-uso-computadores.shtml?page=3>> Acesso em: 18 jun. 2014.

NIEMEYER, L. Tipografia uma apresentação. Editora:2AB, 2010.

PEREIRA, R. M. Papel ou Digital? Pontos positivos e negativos de ambos.Disponível em:

<<http://www.motimliterario.com.br/>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

PORVIR. Ler pelo celular ajuda a combater o analfabetismo. Publicado em 09/06/2014. Disponível em: <<http://porvir.org/porpensar/ler-pelo-celular-ajudacombater-analfabetismo/20140609>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

PRENKSY, M. Teaching digital natives: partnering for real learning. London: Corwin, 2010.

PROJETO SLIDE INTERATIVO NA ESCOLA. Aspectos Positivos e Negativos da Leitura Digital. Publicado em: 03/11/2011. Disponível em:

<<http://slideinterativo.blogspot.com.br/2011/11/aspectos-positivos-e-negativosda.html>>

Acesso em: 02 jun. 2014.

SILVA, E.M. Um estudo sobre as práticas de leitura e de escrita digitais na unidade universitária de Ciências Sócio–Econômicas e humanas/UEG: perspectivas docentes . **Anais.** Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, SP, 2009. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_628.pdf> Acesso em: 18 jul. 2014.

SOARES, M. **NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA: LETRAMENTO NA CIBERCULTURA.** Educ. Soc. Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>> Acesso em: 30 mar.2014

XAVIER, A. C. S . **Letramento Digital e Ensino.** In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (Org.). Alfabetização e Letramento: conceitos e relações. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 133-148. Disponível em:

<<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>> Acesso em: 30 mar. 2014.